

Estado da publicação: O preprint não foi publicado em outro meio.

O entrelugar e as memórias interculturais entrelaçadas: a
atualidade de Silviano Santiago em Partes de África, de Helder
Macedo, e Terra sonâmbula, de Mia Couto
Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly

<https://doi.org/10.1590/2596-304x202628e20261169>

Submetido em: 2026-10-09

Postado em: 2026-10-09 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

10.1590/2596-304x202628e20261169

Dossiê

O entrelugar e as memórias interculturais entrelaçadas: a atualidade de Silviano Santiago em *Partes de África*, de Helder Macedo, e *Terra sonâmbula*, de Mia Couto

In-between space and intertwined intercultural memories: the contemporary relevance of Silviano Santiago in *Partes de África* by Helder Macedo and *Terra sonâmbula* by Mia Couto

Maged Talaat Mohamed Ahmed Elgebaly

<https://orcid.org/0000-0002-4572-4526>

Aswan University, Aswan, Egito.

elgebalymaged@gmail.com

Submissão: 23/06/2026

Aceite: 27/09/2026

Declaração de disponibilidade de dados de pesquisa:

Os conteúdos subjacentes ao texto da pesquisa estão contidos no manuscrito.

Declaração de conflito de interesses:

Os autores declaram não haver conflito de interesse.

Declaração de uso de Inteligência Artificial:

Este artigo utilizou ferramentas de inteligência artificial apenas como apoio técnico à revisão linguística e à organização textual preliminar.

Editor-Chefe: Andrei dos Santos Cunha

Editor Executivo: Anderson Bastos Martins

Editoras Associadas: Germana Henriques Pereira; Rachel Esteves Lima

RESUMO

Este artigo analisa o conceito de entrelugar, formulado por Silviano Santiago, em diálogo com a noção de memórias interculturais entrelaçadas, inspirada nas reflexões de Edward Said, a partir de uma leitura comparada de *Partes de África* (1991), de Helder Macedo, e *Terra sonâmbula* (1992), de Mia Couto. O trabalho discute a contribuição pioneira de Santiago para a compreensão dos processos de tradução cultural, negociação identitária e hibridismo conceitos posteriormente difundidos pela teoria pós-colonial internacional, como no *in-between* e no *Terceiro Espaço* de Homi K. Bhabha. A análise demonstra que os dois romances constroem espaços de fronteira nos quais as memórias interculturais entrelaçadas constituem a dimensão temporal, afetiva e histórica dos processos de negociação intercultural inscritos no entrelugar. Conclui-se que a articulação entre essas categorias amplia as possibilidades interpretativas dos estudos comparatistas contemporâneos das produções literárias coloniais e pós-coloniais no Sul Global.

PALAVRAS-CHAVE: Silviano Santiago; entrelugar; memórias interculturais entrelaçadas; colonialismo; estudos pós-coloniais.

ABSTRACT

This article examines the concept of the *in-between space* (entrelugar), formulated by Silviano Santiago, in dialogue with the notion of *intertwined intercultural memories*, inspired by Edward Said's reflections, through a comparative reading of *Parts of Africa* (1991), by Helder Macedo, and *Sleepwalking Land* (1992), by Mia Couto. The study discusses Santiago's pioneering contribution to the understanding of cultural translation, identity negotiation, and hybridity, formulated prior to concepts that later became widely disseminated in international postcolonial theory, such as Homi K. Bhabha's *in-between* and *Third Space*. The analysis demonstrates that both novels construct border spaces in which intertwined intercultural memories constitute the temporal, affective, and historical dimension of the processes of intercultural negotiation inscribed within the *in-between space*. The article concludes that the articulation between these categories expands the interpretive possibilities of contemporary comparative studies in colonial and postcolonial literary productions in the Global South.

KEYWORDS: Silviano Santiago; in-between space; intertwined intercultural memories; colonialism; postcolonial studies.

Introdução

Meu primeiro contato com Silviano Santiago foi durante meus estudos para a elaboração da tese doutoral. Apresentado como leitura importante para a Literatura Comparada pelo meu orientador, sua perspectiva analítica trouxe novos argumentos para o desenvolvimento do meu trabalho. A partir daí, nunca mais perdi de vista a produção desse autor e o conceito de entrelugar permeia minhas produções acadêmicas.

Silviano Santiago é um escritor e acadêmico brasileiro, natural de Formiga/MG. Trouxe uma grande contribuição para a Literatura Comparada latino-americana e para os estudos culturais de língua portuguesa. Desde a publicação do ensaio “O entre-lugar do discurso latino-americano”, em 1971, o crítico mineiro propôs uma revisão dos paradigmas tradicionais do comparatismo. Ele desloca o foco das relações de influência, dependência e imitação para os processos de tradução intercultural, negociação identitária e produção de diferenças. Ele enfatiza os espaços híbridos de mediação ao invés de compreender as preferências como simples receptoras de modelos metropolitanos. Em sua análise, os sujeitos, discursos e tradições se encontram, entram em conflito e produzem novas formas de expressão intercultural (Santiago, 2000).

Atualmente, o conceito de entrelugar é uma das principais categorias teóricas para a compreensão das experiências pós-coloniais. É usado também para analisar as diásporas e as identidades fragmentadas nos contextos afetados pelo colonialismo e imperialismo. Sua relevância ultrapassa os limites da crítica literária latino-americana e atinge outros espaços literários. É importante ressaltar que o pensamento de Silviano Santiago tem se tornado ainda mais evidente quando seu conceito de entrelugar é colocado em diálogo com os estudos pós-coloniais desenvolvidos por Homi K. Bhabha. E, embora a crítica internacional tenha o costume de associar os debates sobre fronteiras, hibridismo e tradução intercultural à noção de *in-between* ou *Third Space*, formulada por Bhabha, o entrelugar de Silviano Santiago antecede cronologicamente essas formulações e constitui uma das primeiras teorizações produzidas no Sul Global sobre os processos de negociação intercultural nas sociedades pós-coloniais.

Não por acaso, as tradutoras brasileiras Eliana Lourença de Lima Reis e Gláucia Renate Gonçalves de *O local da cultura* afirmam explicitamente que, para traduzir conceitos como *in-between* e *time-lag*, partiram da “conhecida formulação de entre-lugar, de Silviano Santiago (Bhabha, 1998)”. Tal observação tem um valor terminológico e epistemológico porque evidencia que a recepção brasileira da teoria pós-colonial reconheceu no entrelugar uma formulação conceitual já capaz de traduzir os interstícios interculturais analisados por Bhabha. Enquanto este enfatiza os espaços nos quais novas identidades negociam as diferenças, Santiago discute o campo da produção simbólica, da crítica da dependência cultural e da reinvenção híbrida das heranças coloniais. O

entrelugar, para além de ser uma zona de negociação identitária, é um espaço de interação, reinvenção, reescrita e produção de conhecimento novo a partir das margens.

Sob essa perspectiva, o pensamento de Silviano Santiago se aproxima das formulações que, décadas mais tarde, seriam sistematizadas pelas Epistemologias do Sul. Antes mesmo das reflexões de Boaventura de Sousa Santos (2009) sobre a ecologia dos saberes e a valorização dos conhecimentos produzidos nas periferias do sistema-mundo, Santiago já reivindicava a legitimidade teórica das culturas historicamente situadas fora dos centros hegemônicos de produção intelectual. Seu entrelugar pode ser compreendido, portanto, como uma epistemologia periférica. Ela rompe com a lógica colonial da influência unilateral e reconhece a capacidade das culturas subalternizadas de produzir conceitos, teorias e formas próprias de interpretação do mundo.

A produtividade crítica do entrelugar é ampliada pelos estudos da memória, já que Santiago privilegia a dimensão espacial, discursiva e intercultural das negociações identitárias. Nesse contexto, se propõe uma aproximação entre o conceito de entrelugar formulado por Silviano Santiago e o de memórias interculturais desenvolvido por Elgebaly (2025). As memórias interculturais são o conjunto de lembranças, afetos, narrativas, símbolos e representações produzidos a partir do contato entre diferentes universos culturais, que se encontram em processos de negociação, tensão, coexistência e hibridização, em situações de deslocamento, migração, tradução, colonialismo, pós-colonialismo e circulação transnacional de pessoas, textos e imaginários culturais.

Essa noção de memórias interculturais foi desenvolvida dentro da tradição crítica inaugurada pelo entrelugar. Por um lado, o entrelugar representa o simbólico onde narrativas e identidades se encontram, por outro, as memórias interculturais correspondem aos vestígios, experiências e recordações que permanecem e se transformam nesse processo, ou seja, o entrelugar é manifestação dessas interações enquanto as memórias interculturais são os efeitos temporais, afetivos e históricos dessas interações. Elas constituem a dimensão memorial dos processos de tradução, permitindo compreender como histórias coloniais, pós-coloniais e transnacionais continuam a atravessar os sujeitos e as literaturas contemporâneas.

Essa articulação teórica entre as memórias interculturais e o entrelugar é eficiente para a leitura de obras como *Partes de África* (1991), de Helder Macedo, e *Terra sonâmbula* (1992), de Mia Couto. Essas obras pertencem a contextos distintos, a primeira

de Portugal e a segunda de Moçambique. Porém, ambas problematizam as heranças do colonialismo, os deslocamentos identitários e a fragmentação das memórias produzidas pelas experiências imperiais e pós-coloniais. Em *Partes de África*, Helder Macedo constrói uma narrativa que combina autobiografia, ensaio, memória, testemunho e ficção, e que revisita criticamente a experiência colonial portuguesa na África. E, nesse sentido, acaba por expor as ambiguidades da identidade colonial. O sujeito narrativo caminha entre múltiplos espaços geográficos, o que produz um arquivo memorial fragmentado no qual passado e presente, história e ficção, Portugal e África se entrelaçam continuamente. Já em *Terra sonâmbula*, Mia Couto apresenta uma narrativa marcada pela oralidade, pela errância e pela reinvenção simbólica da memória coletiva moçambicana porque, em meio à devastação provocada pela Guerra Civil Moçambicana (1977-1992), a memória vai se transformar em estratégia de sobrevivência, de resistência e de reconstrução identitária. Os cadernos de Kindzu intercalados com os percursos de Tuahir e Muidinga configuram uma cartografia em que o sonho, a história e a imaginação passam a coexistir em permanente movimento.

Ambas as obras produzem aquilo que denominamos memórias interculturais entrelaçadas. Segundo Elgebaly,

As memórias interculturais entrelaçadas operam, então, a partir do contato tenso e contraditório, marcado pelas vivências da dor e da coexistência sem misturar-se. Na sequência, pelo reconhecimento do outro, mas sem integração. E, por fim, pela composição híbrida na experiência compartilhada (Elgebaly, 2025, p. 62).

Partindo dos “territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas”, formulados por Edward Said (2011), compreendemos que as experiências históricas de Portugal, colonizador / metrópole, e de África, colonizada / colônia, não podem ser analisadas como narrativas isoladas. Elas precisam ser vistas como processos mutuamente constituídos. E, nesse sentido, as memórias presentes em *Partes de África* e *Terra sonâmbula*, que emergem nos entrelugares das relações coloniais e pós-coloniais, revelam formas complexas de convivência, conflito, trauma e tradução cultural.

Metodologicamente, esse trabalho demonstra como o aparelho conceitual de entrelugar pode ser aplicado nos estudos comparados de obras como aquelas de Helder Macedo e Mia Couto.

O entrelugar e as memórias interculturais entrelaçadas das experiências coloniais em *Partes de África*, de Helder Macedo

Publicado originalmente em 1991, *Partes de África*, de Helder Macedo, tem dezoito capítulos com relativa autonomia temática e formal e que dão um caráter de mosaico ao romance. O primeiro capítulo estabelece a natureza metaficcional da narrativa ao questionar a própria possibilidade de representação da memória. O segundo capítulo introduz a infância africana do narrador, enquanto os seguintes alternam recordações familiares, episódios históricos, reflexões sobre literatura, comentários políticos, relatos administrativos, reconstruções documentais e experimentações formais. O ápice dessa heterogeneidade ocorre no capítulo quatorze. Ele é um pouco maior que os outros e é dividido em cenas. Intitulado “Luís Garcia de Medeiros. Um drama jocoso”, ele transforma o romance momentaneamente em um texto dramático, com cenas teatrais e intervenções de um “não-autor”, numa recusa de fronteiras rígidas entre os gêneros literários.

O romance tem uma dimensão autobiográfica vinculada à trajetória do autor. Helder de Macedo nasceu na África do Sul em 1935 e foi criado na Zambézia, em Moçambique. Era filho de um administrador colonial português e experimentou desde a infância uma condição de deslocamento que posteriormente marcaria toda a sua obra. Ainda jovem, transferiu-se para Portugal e, posteriormente, se exilou em Londres porque se opunha ao regime salazarista (1933-1974). O trânsito entre a África, Portugal e a Inglaterra transformou o autor em um observador privilegiado das contradições do colonialismo, da descolonização e das identidades pós-coloniais. Em *Partes de África*, essa experiência é narrada, problematizada, reconstruída e submetida a um processo contínuo de questionamento crítico. O narrador, em geral, ocupa uma posição híbrida entre autor, personagem, memorialista e crítico. Seu pai, administrador colonial português na província de Zambézia, constitui uma das figuras centrais da narrativa e encarna as ambiguidades do colonialismo português: ao mesmo tempo participante do sistema imperial e sujeito capaz de reconhecer algumas de suas injustiças. O avô republicano, Tomás Vieira, representa a memória política portuguesa anterior ao Estado Novo da Segunda República Portuguesa (1933-1974), enquanto figuras como Pimpão, o namarrocolo (responsável por uma narrativa teatral própria da região da Zambézia),

Samora Machel, Tomás Vieira, Rola Pereira e Luís Garcia de Medeiros ampliam a rede de relações entre história, literatura, política e experiência pessoal. Nenhum desses personagens aparece como figura inteiramente estável; todos participam da interpretação e da reescrita narrativa.

Os espaços da recordação no romance configuram-se de modo complexo como entrelugares, entre a Zambézia, núcleo da infância do narrador, e outras partes de Moçambique, além de Portugal, Guiné, África do Sul e diversos outros territórios do império português. Esses espaços são entrelugares de encontro, tensão e negociação. A história portuguesa e as histórias de países africanas parecem interligadas, “sobrepostas” e “entrelaçadas” (Said, 2011), isto é, espaços historicamente conectados por relações de poder, circulação, intercâmbio, e construção involuntária dessas memórias interculturais entrelaçadas.

O título do romance sugere a estrutura da obra. As “partes” da África não correspondem apenas a fragmentos geográficos do continente africano, é também a fragmentos dessas memórias interculturais entrelaçadas, pedaços de histórias familiares, recordações de infância, documentos coloniais, experiências afetivas, episódios históricos e referências literárias que se entrecruzam ao longo da narrativa. A África de Helder Macedo não é homogênea nem exótica, ela é um território plural, onde acontecem as relações coloniais, os conflitos políticos, os deslocamentos e as experiências humanas contraditórias, compondo os principais temas do romance. Em primeiro lugar, a obra trata da memória como reconstrução fragmentária e instável das experiências vividas, atravessada pela imaginação, pelo esquecimento e pela reinterpretação posterior dos acontecimentos. Em segundo lugar, há a crítica ao colonialismo. O narrador que pertence a uma família diretamente ligada à administração colonial, expõe as contradições e violências do sistema colonial. Em terceiro lugar, o romance problematiza a identidade porque mostra que o sujeito se constitui no cruzamento de entrelugares de pertenças culturais, históricas e afetivas. E, finalmente, a obra reflete continuamente sobre a própria literatura, transformando a escrita em objeto de análise e questionamento.

Partes de África é um romance que permite compreender como o conceito de entrelugar de Silviano Santiago é atual e como ele se articula com as memórias interculturais entrelaçadas (Said, 2011 e Elgebaly, 2025). Assim, os entrelugares constituem espaços de negociação, de tradução simbólica e de reinvenção identitária,

situado entre diferentes tradições, histórias e sistemas de representação. Em *Partes de África*, esses entrelugares manifestam-se simultaneamente na trajetória do narrador, na estruturação das memórias interculturais entrelaçadas na própria relação entre Portugal e África.

Desde as primeiras páginas, o narrador se coloca em uma posição de deslocamento temporal e cultural. Ao recordar sua infância na Zambézia colonial, reconhece que as memórias podem ser reconstruídas por meio dos vestígios e nunca retomadas por completo. Nesse contexto, a própria consciência do narrador sobre a impossibilidade de recuperar integralmente o real se aproxima das reflexões de Paul Ricoeur (2007) sobre a reconstrução das narrativas identitárias.

A imagem da antiga casa familiar se transforma em um arquivo intercultural. Segundo Macedo,

A contemplação filosófica da paisagem e do papel em branco tem sido ocasionalmente complementada por visitas à galeria das sombras no que foi a casa dos meus pais (...), como crónica minimalista de família, a história de uma boa parte do colonialismo português do último império (Macedo, 1991, p. 9).

A memória pessoal deixa de ser apenas autobiográfica para se transformar em memórias interculturais entrelaçadas pelos sujeitos que habitaram esses espaços. Logo no início, o narrador transforma a antiga casa familiar numa “galeria das sombras”, onde fotografias, relatórios, mapas e objetos acumulados pelo pai do narrador constituem uma “crónica minimalista de família” e, ao mesmo tempo, “a história de uma boa parte do colonialismo português do último império (Macedo, 1999, p. 9)”. O espaço doméstico converte-se, portanto, em arquivo histórico e intercultural. Essa espacialidade confirma a atualidade do entrelugar. A África de Helder Macedo é o cenário colonial, objeto da memória portuguesa e, também, é o espaço de conflito, aprendizagem, afeto, violência, deslocamento e formação subjetiva. O narrador não pertence integralmente nem à metrópole nem à colônia e sua identidade nasce no intervalo entre esses espaços. Por isso, *Partes de África* permite compreender o entrelugar como espaço de tradução cultural e as memórias interculturais como os vestígios afetivos e históricos deixados por essa tradução.

Para Helder Macedo, “há sombras que a memória pode imaginar nos mapas entreabertos. Os mapas já se mudaram, trocados por outros nomes dos sítios e mantidos os nomes dos sítios mudados (Macedo, 1991, p. 10)”. O mapa colonial aqui é uma

metáfora da instabilidade das identidades e dos territórios no processo colonizador. As fronteiras e os nomes mudam, mas permanecem os vestígios das experiências históricas compartilhadas. É a experiência de estar no entrelugar que aparece na narrativa. Os espaços cujos nomes são trocados ficam no entrelugar entre o que era e o que se tornou. O romance de Helder Macedo desenvolve essa perspectiva ao recontar uma narrativa colonial diferente da tradicional. Ao contrário das representações imperiais que concebiam a África como objeto passivo de observação europeia, *Partes de África* aponta para as ambiguidades, as contradições e as fragilidades do próprio projeto colonial. O pai do narrador atua como uma figura situada no entrelugar entre dois mundos: é representante do poder português e também um crítico de diversas práticas coloniais. E o conceito de entrelugar de Silviano Santiago para os estudos pós-coloniais constitui uma crítica da dependência intelectual e da hierarquia dos saberes produzidos entre centro e periferia que possibilita compreender melhor as contradições dos personagens da obra. A exemplo disso, há a descrição do enfermeiro africano Samora Machel, posteriormente presidente de Moçambique. Segundo Macedo,

Ao ser diretor dos Serviços de Saúde e pequeno obreiro do destino, preferiu a favor de um protegido branco o enfermeiro negro que tinha ficado em primeiro lugar no concurso para promoções. O qual tinha mau perder, demitiu-se e foi para a Tanzânia. Chamava-se Samora Machel (Macedo, 1991, p. 14).

Essa passagem narra um episódio de nepotismo que escancara as tensões estruturais do colonialismo português e mostra como a história oficial silencia as experiências e as trajetórias dos oprimidos. Nesse sentido, a narrativa lança um olhar para as margens, aproximando-se daquilo que Boaventura de Sousa Santos denominaria décadas depois de Epistemologias do Sul, em que a África deixa de ser objeto de conhecimento para se tornar uma parte constitutiva da produção de memória e de sentido histórico. Na obra, as recordações do narrador nunca pertencem exclusivamente a Portugal nem exclusivamente à África porque elas se desenvolvem nos entrelugares de contatos, conflitos e negociações entre esses universos culturais, constituindo-se memórias interculturais entrelaçadas.

A infância na Zambézia é apresentada como uma experiência de convivência intercultural constante, quando o narrador aprende simultaneamente com os familiares portugueses, os empregados africanos, nos espaços coloniais e pelas narrativas locais. Assim, personagens como o Pimpão e o namarrocolo ocupam papel fundamental na

formação de sua percepção do mundo, e a descrição do velho contador de histórias africano evidencia esse processo: “Imitava as vozes dos bichos, das plantas, do fogo, do vento, dos rios (...), acordados ambos no jeito africano que ele me tinha ensinado (Macedo, 1991, p. 16)”. Diante disso, a aprendizagem acontece na escola colonial e na família europeia, mas também é construída pelos saberes africanos fundados na oralidade e na convivência cotidiana. Desse modo, desses entrelugares emerge uma memória híbrida que não pertence integralmente a nenhuma das duas tradições. Ela é intercultural e entrelaçada. O sujeito pós-colonial não reproduz passivamente uma cultura nem outra; ele constrói identidades situadas entre ambas, no entrelugar de Silviano Santiago.

Um dos aspectos mais inovadores de *Partes de África* é sua estrutura narrativa fragmentária em que o romance combina autobiografia, ensaio, documento histórico, comentário crítico, ficção, teatro e memória em um tempo não linear. O presente do narrador é sua fase madura, ele está em férias sabáticas, escrevendo a partir de uma posição retrospectiva. Ele rememora a infância na Zambézia e relata os vestígios do colonialismo português, da história familiar e dos processos de independência africana a partir da experiência da vida adulta. A epígrafe camonianiana: “Tem o tempo sua ordem já sabida. O mundo não.”, antecipa essa desordem temporal, sugerindo que a memória reorganiza o passado de modo fragmentário, móvel e descontínuo. Nesse sentido, essa estrutura temporal proposta caminha da direção do conceito de entrelugar de Silviano Santiago porque o narrador fala a partir de uma posição intermediária. Ele está entre o passado e o presente, Portugal e África, autobiografia e ficção e o testemunho familiar e a crítica histórica. A memória não recupera simplesmente o passado colonial; ela o reinscreve criticamente a partir do presente. Nesse sentido, o tempo do romance é também o tempo das memórias interculturais entrelaçadas no contato entre universos diferentes.

O mosaico constitui uma chave interpretativa para o romance. Cada episódio funciona como um fragmento que adquire sentido apenas quando articulado aos demais. Essa organização formal é explicitamente tematizada pelo próprio narrador no capítulo “Um bestiário recuperado na teoria do mosaico”: “Só que o meu estilo (...) é oblíquo e dissimulado (...). Nem julguem que alhos e bugalhos são coisas diferentes, são reflexos diferentes da mesma coisa. Como num mosaico incrustado de espelhos (Macedo, 1991, p. 39)”. Essa estrutura aproxima-se diretamente das reflexões de Astrid Erll (2011). A

fragmentação narrativa recria essas memórias coloniais. O império desapareceu, mas permanecem fotografias, objetos, histórias familiares e lembranças dispersas.

Outro aspecto relevante é a constante utilização da ironia para revisar criticamente a história colonial portuguesa. Ao descrever figuras administrativas, governadores e autoridades coloniais, o narrador frequentemente expõe o contraste entre os discursos chamados de civilizatórios e as práticas coloniais violentas. A narrativa desmonta a retórica imperial por meio de pequenas histórias e observações aparentemente marginais. A crítica não assume a forma de um discurso político explícito. Ao contrário, ela emerge da própria estrutura da memória, que coloca em evidência as contradições e as zonas de silêncio. É precisamente nesse ponto que o romance exemplifica aquilo que Edward Said denominou “histórias entrelaçadas”. Portugal e África não aparecem como realidades separadas, mas como experiências mutuamente constituídas. O colonialismo não produziu apenas a África colonial; produziu também a própria identidade moderna portuguesa. Os entrelugares dos encontros dessas identidades permanecem vinculados pelas memórias interculturais entrelaçadas.

A análise de *Partes de África* demonstra a extraordinária atualidade do conceito de entrelugar formulado por Silviano Santiago. A obra também permite ampliar a produtividade crítica do entrelugar a partir do conceito de memórias interculturais entrelaçadas nesses entrelugares que envolvem os contatos entre os diferentes. Nesse sentido, Helder Macedo confirma a atualidade do entrelugar para a compreensão das literaturas pós-coloniais de língua portuguesa e também a hipótese de que sua articulação com as memórias interculturais entrelaçadas abre novas possibilidades para os estudos comparados contemporâneos.

O entrelugar e as memórias interculturais das experiências pós-coloniais em *Terra sonâmbula*, de Mia Couto

Terra sonâmbula, de Mia Couto, foi publicado em 1992. Foi escrito durante os anos finais da Guerra Civil Moçambicana (1977–1992). O romance surge num momento em que Moçambique enfrentava simultaneamente os desafios da independência conquistada em 1975, a destruição provocada pelo conflito armado e a necessidade de reconstrução simbólica da nação. A narrativa transforma esse contexto histórico traumático numa

reflexão sobre memória, identidade, deslocamento, sobrevivência e esperança. Mia Couto procura representar a guerra por meio de uma narrativa não linear, na qual realidade e imaginação coexistem com a oralidade e a escrita e tratam do sonho e da história e do mito e da política. Logo nas epígrafes da obra, a terra é apresentada como sonâmbula. Ela se move entre tempos e espaços. Enquanto os homens dormem, a estrada é movida pelo sonho e a condição humana é definida pela coexistência entre vivos, mortos e aqueles que transitam entre ambos os mundos.

O romance é composto por onze capítulos, intercalados pelos cadernos escritos por Kindzu. Essa organização produz duas narrativas paralelas e complementares. De um lado, se acompanha a trajetória de Tuahir e Muidinga, dois sobreviventes que percorrem uma estrada devastada pela guerra. De outro, os cadernos de Kindzu narram acontecimentos anteriores, o que permite um diálogo entre o passado e o presente. O passado aparece como uma presença viva que transforma a realidade dos personagens. O pano de fundo da narrativa é um cenário de ruína por causa das guerras porque o contexto histórico do romance corresponde ao período posterior à independência de Moçambique. Depois de séculos de colonização portuguesa e de uma longa guerra de libertação conduzida pela FRELIMO, o país conquistou sua independência em 1975. Em seguida, se viu mergulhado em uma guerra civil entre a FRELIMO e a RENAMO, o que provocou centenas de milhares de mortes, deslocamentos populacionais, destruição de aldeias e uma profunda fragmentação social. A guerra, na obra, aparece como uma força que destrói corpos, cidades, memórias, as relações comunitárias e os vínculos culturais que sustentavam a vida coletiva.

Desde as primeiras páginas do romance, Mia Couto apresenta uma paisagem de devastação: “Naquele lugar, a guerra tinha morto a estrada (Couto, 1992, p. 7)”. O romance se inicia com a imagem de uma estrada morta pela guerra. Tuahir e Muidinga caminham por uma paisagem devastada, povoada por veículos queimados, cadáveres e ruínas. A estrada destruída simboliza a ruptura das referências históricas, sociais e culturais que sustentavam a vida coletiva e representa um espaço de travessia e reconstrução. A célebre afirmação de Tuahir sintetiza essa dimensão simbólica, “O que faz andar a estrada? É o sonho. Enquanto a gente sonhar a estrada permanecerá viva. É para isso que servem os caminhos, para nos fazerem parentes do futuro (Couto, 1992, p. 4)”. A estrada na obra se transforma em um entrelugar que conecta diferentes tempos,

memórias e experiências históricas, como um território simbólico onde as identidades fragmentadas podem se reconstruir para além de um espaço físico percorrido por Muidinga e Tuahir. Nesse sentido, a viagem realizada pelos personagens é uma travessia geográfica, cultural e memorial que expõe as marcas deixadas pelo colonialismo, pela independência e pela guerra civil. Aqui, a guerra é apresentada como força totalizante que destrói simultaneamente o espaço físico e o universo simbólico dos indivíduos, e a descrição da estrada constitui uma metáfora do próprio país devastado. É nesse primeiro capítulo que ocorre a descoberta dos cadernos de Kindzu, dentro de uma mala que foi encontrada junto a um cadáver.

A partir desse momento, no primeiro e no segundo capítulos, se inicia o processo de reconstrução da memória porque, enquanto a guerra produz esquecimento, a escrita dos cadernos passa a funcionar como resistência contra a destruição. Na narrativa, o primeiro caderno apresenta Kindzu, sua família, a figura do pai Taímo, as tradições ancestrais e o impacto da guerra sobre a comunidade e, assim, surge um dos temas centrais do romance: a ruptura entre tradição e modernidade. O desaparecimento de Junhito, a morte do pai e a desintegração da família simbolizam a fragmentação da própria nação moçambicana. Muidinga não sabe quem é, desconhece sua origem e precisa reconstruir a si mesmo através da narrativa de outro sujeito. E é pelos cadernos de Kindzu, com a busca dos naparamas, os guerreiros míticos associados à resistência contra a guerra, que eles começam a se conhecer e o deslocamento físico vai se converter em busca espiritual e identitária.

No terceiro capítulo, os personagens permanecem em deslocamento, sem território estável, sem comunidade definida e com incertezas sobre o futuro. Nos escritos de Kindzu, surge Matimati, um espaço simbólico onde diferentes culturas se encontram. Aqui a cidade constitui um verdadeiro entrelugar de memórias interculturais africanas, árabes, indianas, portuguesas e locais. Em seguida, no quarto capítulo, a figura de Siqueleto representa a ligação entre a memória coletiva e a tradição oral. A sua relação com a escrita e com a transmissão das histórias ressalta a tensão entre as diferentes formas de preservação da memória. O quarto caderno aprofunda a presença dos elementos míticos e espirituais. Ali, ele mostra que o passado ancestral continua atuando sobre o presente. No quinto capítulo, a água, que é recorrente ao longo do romance, está associada à vida, à memória e à possibilidade de renovação, e o “fazedor de rios” simboliza a

capacidade humana de recriar os sentidos mesmo em meio à destruição. Nos cadernos, Kindzu enfrenta sucessivas decepções, revelando a distância entre os ideais heroicos e a realidade concreta da guerra.

No sexto capítulo, aparecem as idosas profanadoras que representam estratégias populares de resistência diante da violência histórica. O romance mostra que a sobrevivência depende frequentemente da capacidade de reinventar normas, costumes e tradições. O retorno a Matimati evidencia que nenhum regresso é completo: os lugares permanecem, mas as pessoas e as experiências os transformam. Já no sétimo capítulo, a guerra não elimina os afetos nem os desejos e as relações amorosas, os sonhos e as expectativas continuam presentes mesmo em meio à devastação. Como exemplo disso, o encontro de Kindzu com Farida constitui um dos momentos mais importantes da narrativa, introduzindo questões relacionadas à identidade, exclusão social, pertencimento e busca de reconhecimento.

No oitavo capítulo, os trens se tornam metáforas da circulação das memórias interculturais entrelaçadas através de trajetórias, encontros e desencontros. No nono capítulo, a solidão torna-se uma experiência compartilhada pelos diversos personagens. Tanto Muidinga quanto Kindzu procuram compreender quem são e qual lugar ocupam no mundo. E a apresentação de Virgínia amplia a reflexão sobre colonialismo, mestiçagem e essas interações.

Por fim, no décimo capítulo, o “campo da morte” representa o auge da devastação provocada pela guerra. Entretanto, mesmo nesse cenário extremo, o romance continua afirmando a possibilidade de reconstrução simbólica da existência que é apresentada no décimo primeiro capítulo com a memória como futuro entrelugar. Nesse capítulo são reunidas as duas narrativas e a relação entre Muidinga e os escritos de Kindzu aparecem, momento em que a memória deixa de ser apenas recordação do passado para tornar-se instrumento de construção do futuro. As “páginas da terra” sugerem que a própria paisagem conserva inscrições históricas capazes de sobreviver à destruição material.

Para Ricoeur, recordar implica reorganizar narrativamente experiências fragmentadas, e os cadernos encontrados preservam experiências individuais e fragmentos da história coletiva de Moçambique. Kindzu reconhece a instabilidade da própria memória: “Quero pôr os tempos, em sua mansa ordem, conforme esperas e sofrências. Mas as lembranças desobedecem (Couto, 1992, p. 10)”. Os cadernos de

Kindzu podem ser compreendidos aqui como arquivos de memórias interculturais entrelaçadas. Neles se acumulam vestígios de tradições africanas, experiências coloniais portuguesas, saberes indianos, narrativas locais e vivências produzidas pela guerra civil, e cada lembrança pessoal recria um entrelugar do entrelaçamento com diferentes histórias e universos culturais

Para Maquêa (2007), a identidade aparece da negociação entre memórias, tradições e experiências históricas diversas. Como a identidade moçambicana apresentada por Mia Couto não deriva de uma origem única, ela se aproxima diretamente do conceito de entrelugar de Silviano Santiago. Ela resulta dos contatos, conflitos e traduções produzidos pelo colonialismo, pela independência, pela guerra civil e pelas múltiplas heranças presentes no país. A associação simbólica entre o nascimento de Junhito e a independência nacional ilustra essa dinâmica. Ao ser chamado “Vinte e Cinco de Junho”, o menino é transformado em uma alegoria da própria nação e seu desaparecimento posterior simboliza a ruptura das expectativas associadas ao projeto nacional pós-colonial. Como observa Maquêa, as trajetórias pessoais em Mia Couto frequentemente espelham processos históricos coletivos. Sob essa perspectiva, a estrada percorrida por Muidinga e Tuahir também é uma metáfora da própria nação moçambicana. Destruída pela guerra, mas ainda atravessada por sujeitos que procuram sentido para suas vidas, ela simboliza um país obrigado a reconstruir suas referências históricas a partir desse entrelaçamento das memórias interculturais.

A leitura de Edward Said amplia essa interpretação. Em *Cultura e imperialismo*, o autor demonstra que colonizador e colonizado produzem histórias mutuamente constituídas. As experiências coloniais criam “territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas”, impossíveis de serem compreendidos separadamente. Essa condição manifesta-se claramente em *Terra sonâmbula* quando as experiências registradas por Kindzu resultam do encontro histórico entre tradições africanas, colonialismo português, redes culturais do Oceano Índico e os traumas produzidos pela guerra civil.

A figura do indiano Surendra Valá é, em especial, representativa. Ele afirma: “Somos da igual raça, Kindzu: somos índicos! (Couto, 1992, p. 15)”. A expressão “índicos” rompe com classificações nacionais ou raciais rígidas porque sugere uma identidade construída por meio da circulação histórica de povos, línguas, mercadorias e imaginários culturais. São memórias interculturais entrelaçadas que se constituem a partir

dos contatos históricos entre diferentes comunidades. A oralidade ocupa papel central na constituição dessas memórias. As histórias narradas por Taímo, os saberes ancestrais e os relatos transmitidos entre gerações preservam experiências ameaçadas pela guerra. Kindzu afirma: “As estórias dele faziam o nosso lugarzinho crescer até ficar maior que o mundo (Couto, 1992, p. 10)”. A oralidade funciona como mecanismo de transmissão intercultural e de resistência histórica. Ela preserva formas de conhecimento que escapam às narrativas oficiais. Mia Couto realiza um processo de tradução cultural semelhante àquele identificado por Silviano Santiago. A língua portuguesa é apropriada, reinventada e transformada pelas experiências culturais moçambicanas e os neologismos, as metáforas e as inversões sintáticas produzem uma linguagem híbrida, que está situada entre diferentes universos culturais. A língua se torna, assim, um entrelugar de criação e resistência.

Outro aspecto fundamental do romance é a coexistência entre vivos, mortos e sonhadores. A epígrafe da obra afirma: “Há três espécies de homens: os vivos, os mortos e os que andam no mar (Couto, 1992, p. 4)”. Essa formulação dissolve fronteiras rígidas entre passado e presente. Os mortos permanecem presentes através das narrativas, dos sonhos e das lembranças. A memória transforma-se num espaço de convivência entre diferentes temporalidades. As reflexões de Aleida Assmann e Astrid Erll ajudam a compreender esse processo. Em *Terra sonâmbula*, os sonhos funcionam precisamente como formas de continuidade histórica. Eles permitem que experiências aparentemente perdidas continuem a produzir sentido para o presente.

A partir da perspectiva de Silviano Santiago, o romance pode ser lido como uma narrativa do entrelugar entre o sonho e a realidade, entre tradição e modernidade, oralidade e escrita, passado e futuro, guerra e esperança, África e heranças coloniais. Por sua vez, nesse entrelugar se inventam as memórias interculturais entrelaçadas no contexto pós-colonial que recriam novas formas de pertencimento, novas narrativas e novos horizontes de esperança.

Considerações finais

A análise comparativa de *Partes de África*, de Helder Macedo, e *Terra sonâmbula*, de Mia Couto, permitiu demonstrar a atualidade do pensamento de Silviano Santiago para os estudos literários contemporâneos. Depois de cinco décadas de sua formulação, o

entrelugar continua oferecendo instrumentos teóricos capazes de compreender as complexas experiências produzidas no contexto colonial e pós-colonial. Silviano Santiago transformou a periferia em produtora de conhecimentos novos quando estabelece que as culturas formadas pela colonização estão no entrelugar. O conceito é uma categoria de análise intercultural e se expande para uma epistemologia das margens, capaz de reconhecer a criatividade histórica dos sujeitos situados entre culturas, línguas, memórias e tradições. Nesse sentido, sua contribuição ultrapassa os limites da crítica literária brasileira e antecipa debates posteriormente desenvolvidos pelos estudos pós-coloniais, pelas Epistemologias do Sul e pelas teorias da interculturalidade.

Em *Partes de África*, as memórias coloniais portuguesas e africanas aparecem como fragmentos de uma experiência histórica compartilhada, constituindo simultaneamente memórias interculturais entrelaçadas pela circulação entre territórios, arquivos e narrativas, e também pela convivência entre diferentes universos culturais nas relações entre Portugal e África. Colonizador e colonizado participam de uma mesma história, ainda que marcada por conflitos, deslocamentos e negociações identitárias. O narrador está em uma posição de trânsito dessas experiências coloniais lembradas criticamente a partir do presente. O sujeito narrativo ocupa o entrelugar porque não pertence integralmente nem à metrópole nem à colônia, mas habita o espaço intermédio descrito por Santiago. A identidade desses personagens emerge desse deslocamento, das travessias e das permanentes negociações entre referências distintas.

De modo semelhante, em *Terra sonâmbula* um universo narrativo errante é construído e marcado pela guerra e pela reconstrução da memória coletiva moçambicana. Os percursos de Muidinga, Tuahir e Kindzu apontam para o trânsito entre o passado e a tradição em contraposição com o presente e a modernidade. A própria estrutura do romance, baseada na alternância entre a narrativa principal e os cadernos de Kindzu, materializa esse entrelugar onde diferentes temporalidades e experiências históricas coexistem.

Ambas as obras podem ser analisadas por meio da noção de memórias interculturais entrelaçadas nos entrelugares inscritos nos sujeitos e nas comunidades. Essas memórias emergem inicialmente em contextos de tensão e estranhamento, evoluem para formas de convivência paralela e culminam em processos de diálogo, cooperação e hibridização intercultural que constituem os próprios entrelugares das culturas misturadas. Sob essa

perspectiva, torna-se possível compreender o entrelugar como a dimensão espacial, simbólica e discursiva das relações interculturais híbridas, enquanto as memórias interculturais entrelaçadas representam sua dimensão temporal, afetiva e histórica. Em outras palavras, o entrelugar corresponde ao espaço onde as culturas se encontram; as memórias interculturais entrelaçadas revelam aquilo que permanece, se transforma e continua produzindo sentidos após esses encontros.

Nas duas obras analisadas, as memórias coloniais e pós-coloniais são constantemente reconfiguradas pelos sujeitos que as narram, reinterpretam e transmitem. Em *Partes de África*, as lembranças do império português são revisitadas criticamente e submetidas a um processo de reescrita memorial. Em *Terra sonâmbula*, os cadernos de Kindzu funcionam como verdadeiros arquivos de memória intercultural que preservam experiências individuais e coletivas ameaçadas pela destruição da guerra. Em ambos os casos, a memória não representa apenas o passado; ela atua como instrumento de elaboração do presente e de construção do futuro. Ela representa a resistência perante as atrocidades do colonialismo, e reconhecer os sentimentos do passado auxilia na composição do futuro e na reconstrução pós-traumática.

As experiências históricas de Portugal, Moçambique e África são concebidas a partir dos “territórios sobrepostos e histórias entrelaçadas” de Edward Said, que estabelece as memórias como narrativas compostas. Nesse contexto, os colonizadores e os colonizados estão vinculados por memórias cruzadas que transpõem fronteiras nacionais e culturais. E é nesses espaços de interseção e de entrelugares que se constituem as memórias interculturais entrelaçadas.

Dessa forma, concluímos que a principal contribuição de Silviano Santiago para a Literatura Comparada e para a Teoria Literária reside na criação de um paradigma crítico capaz de compreender a produção cultural a partir dos espaços que não são nomeados e estão nas margens, nos deslocamentos e nas fronteiras. Os contatos daqueles que vivenciam as experiências desses entrelugares levam às manifestações das memórias interculturais. Se o entrelugar explica onde ocorre a negociação cultural, as memórias interculturais explicam como essa negociação se manifesta nos sujeitos, nos textos e nas comunidades ao longo do tempo. Pode-se afirmar, portanto, que as memórias interculturais constituem a dimensão memorial do entrelugar. Juntos, os dois conceitos oferecem uma ferramenta teórica para a leitura das literaturas de língua portuguesa

produzidas em contextos coloniais, pós-coloniais e transnacionais. Mais do que categorias complementares, o entrelugar e a memória intercultural configuram uma proposta crítica integrada que permite compreender simultaneamente os espaços, os sujeitos e os afetos na contemporaneidade pós-colonial.

REFERÊNCIAS

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1998.

COUTO, Mia. *Terra sonâmbula*. Lisboa: Caminho, 1992.

DANTAS, Gregório Foganholi. Metáforas da história: uma leitura dos romances de Helder Macedo. 2009. Tese (Doutorado em Teoria e História Literária) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2009.

ELGEBALY, Maged Talaat Mohamed Ahmed; NASCIMENTO, Luciana Marino do; PINTO, Liliane Faria Corrêa. Memórias interculturais e as crônicas sobre Egito e Sudão na Revista Moderna: Magazine Brasileiro em 1898. *Via Atlântica*, São Paulo, v. 25, n. 1, p. 366-409, 2024.

ELGEBALY, Maged Talaat Mohamed Ahmed. Memórias interculturais entrelaçadas em O Alegre Canto da Perdiz, de Paulina Chiziane, e Caderno de Memórias Coloniais, de Isabela Figueiredo. *Veredas: Revista da Associação Internacional de Lusitanistas*, Coimbra, n. 44, p. 52-66, 2025.

ERLL, Astrid. *Memory in Culture*. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2011.

LEITE, Ana Mafalda. *Oralidades & escritas nas literaturas africanas*. Lisboa: Colibri, 1998.

MACEDO, Helder. *Partes de África*. Lisboa: Presença, 1991.

MAQUÊA, Vera Lúcia da Rocha. A poética da construção da nação em José Craveirinha e Mia Couto. 2007. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Estadual Paulista, Assis, 2007.

MATA, Inocência. A literatura africana e a crítica pós-colonial: reconversões. Luanda: Nzila, 2007.

REIS, Mírian Sumica Carneiro. Literatura e memória em Partes de África, de Helder Macedo. *Antares*, Caxias do Sul, n. 4, p. 172-182, 2010.

RIBEIRO, Margarida Calafate. *Uma história de regressos: império, guerra colonial e pós-colonialismo*. Porto: Afrontamento, 2004.

RIBEIRO, Margarida Calafate; RIBEIRO, António Sousa (org.). *Geometrias da memória: configurações pós-coloniais*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais, 2016.

RICOEUR, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Editora da Unicamp, 2007.

SAID, Edward W. *Cultura e imperialismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, Silviano. *Uma literatura nos trópicos*: ensaios sobre dependência cultural. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.

SANTOS, Boaventura de Sousa. *Epistemologias do Sul*. Coimbra: Almedina, 2009.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado*: cultura da memória e guinada subjetiva. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.